

**Uma política *co-movente*:**  
**breve análise do compromisso ético de alguns alunos de Ética Cristã**

Eva Aparecida Rezende de Moraes

Começo essas poucas linhas, pedindo desculpas pela minha absoluta falta de formalidade. Principalmente porque, quando usamos a palavra “política”, pensamos num discurso formal, o da *macropolítica*, aquela dos grandes partidos, dos grandes projetos, das grandes disputas eleitorais, etc, e nos esquecemos, geralmente, da *micropolítica* – aquela do dia-a-dia, feita por cada cidadão e cada cidadã, o verdadeiro “trabalho de formiguinha”, que funciona como uma alavanca e que fundamenta a mudança da realidade. É dessa *micropolítica* que quero discorrer aqui.

No semestre passado, ano de 2014, estávamos no auge de uma disputadíssima eleição presidencial em nossa sociedade brasileira. Faltavam alguns minutos para começar a aula e puxei conversa com os alunos: “E então, gente? Como andam as campanhas para presidente?”. O assunto pegou fogo – afinal, o pleito estava, praticamente, empatado na época. E continuei perguntando: “E para deputado estadual? E deputado federal? E senador? Já pensaram no partido? E no candidato? Porque, vocês sabem, dependendo da função, é mais importante olhar o partido para quem você está dando seu voto e, não, para o candidato... E vice-versa”. Não, não sabiam. E continuei perguntando: “Mas, gente, qual é a função do deputado estadual, do deputado federal e do senador?”. Silêncio... E percebi, então, que, numa aula de ética cristã, discutir política é, sim, fundamental. Não somente a política do “mega contexto”, como também aquela básica, do tipo “quem faz o quê” na realização de cada âmbito dos três poderes da República: Legislativo, Executivo e Judiciário. Principalmente porque os brasileiros, geralmente, se envolvem mais na disputa para os cargos do Executivo (em todas as instâncias – municipal, estadual e federal) e menos na discussão acerca da composição dos quadros do Legislativo e do Judiciário...

Mudei, então, os rumos da G2 e o resultado foi fantástico. Os alunos apresentaram verdadeiras aulas de política: desde o estudo da “política básica” (o que são: cidadania, instituição política e social, ideologia política, democracia, macro e micropolítica, etc) até a história do voto no Brasil, a trajetória dos maiores partidos políticos, sua classificação por ideologia, etc. Claro, tudo isso “regado” com a Política feita por Jesus de Nazaré e seus direcionamentos indiscutíveis acerca do “poder-serviço” e do amor concreto ao meu “próximo mais próximo” – que estão na base de todo e qualquer projeto político, partidário ou não, que queira colaborar com a sociedade brasileira a sair desse “verdadeiro caos” político em que estávamos (e estamos ainda) inseridos, visto que já começavam os escândalos da “operação lava-jato” na Petrobrás.

Neste semestre, a ementa proposta por mim e discutida com os alunos visa, na G2, o estudo da “Reforma Política”. Não somente porque está na pauta das atuais votações no Congresso Nacional, mas, também, porque o nosso envolvimento com a mesma é um pedido feito pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Me proponho, inclusive, a contar nesta Revista o resultado apresentado pelos alunos quanto a este quesito. Mas, para chegarmos a esse estudo na G2, discutimos (como sempre, em nosso programa de G1) os Direitos Humanos, principalmente aqueles expostos na “Declaração Universal” – adotada e proclamada pela resolução 217 A (III), da *Assembléia Geral das Nações Unidas*, em 10 de dezembro de 1948. Como faço em todo semestre, estudamos artigo por artigo, descobrindo que tais “direitos humanos” (como, também, outros, que não constam nessa Declaração) são universais e, portanto, se relacionam com os valores da ética cristã, como, inclusive, com os valores de outras éticas religiosas.

Em um dos trabalhos da G1, que foi feito individualmente, uma pergunta se referiu ao penúltimo artigo da mesma, Artigo XXIX, inciso I, que assim se manifesta: “**Toda pessoa tem deveres para com a comunidade**, em que o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível”. A partir disto, perguntei: “Que compromisso você tem desenvolvido (profissional ou não) para com a sua comunidade (bairro ou universidade ou cidade, etc)?”. Fiquei feliz com a maioria das respostas; percebi que esta pergunta fez “eco” em muitos alunos! Por exemplo, uma escreveu: “*Essa é uma pergunta que eu me faço constantemente, tanto daquilo que posso fazer, quanto das coisas que devo ou não fazer. Acredito que seja uma questão de consciência, que precisa ser buscada e exercitada tentando mover nossos limites...*” (T.F.R.). Então, partilhei as respostas de todos os alunos nas aulas seguintes, em todas as turmas de Ética Cristã. Coloquei as respostas em Power-point, com as iniciais dos alunos entre parênteses. Abri com o seguinte slide: “**Num mundo aparentemente tão ruim, olhem quanta coisa boa vocês estão fazendo!**”, e encerrei com este: “**É claro que o bem é superior ao mal! É que o bem não faz alarde!**”. O meu objetivo, então, me parece ter deixado bem claro para eles (e, agora, para você, leitor-a): destacar que as *pequenas ações*, feitas diariamente e por cada cidadão-ã, constroem a Nação – e, numa linguagem teológica, constroem o *Reino de Deus*, proposto e inaugurado por Jesus de Nazaré.

Portanto, o que quero partilhar aqui com você, querido-a leitor-a, são as respostas que os alunos me deram! Como tenho muitas turmas de Ética Cristã e as respostas foram individuais, seria complicado apresentar *todas*, uma a uma, como eu, inicialmente, queria. Assim, agrupei algumas respostas semelhantes e destaquei as que não se repetiram. Para não identificar os alunos, coloquei, entre parênteses, iniciais de nomes dos meus alunos, para que não sejam identificados. Peço licença, também, para não omitir os nomes das instituições nas quais alguns de meus alunos fazem algum trabalho, voluntário ou profissional.

## 1. O “básico do básico”

Num universo de muitos alunos de Ética Cristã (num total de sete turmas), apenas *um* respondeu – lacônica e inexplicavelmente – “*Nenhum*”, à pergunta feita no trabalho: “Que compromisso você tem desenvolvido (profissional ou não) para com a sua comunidade (bairro ou universidade ou cidade, etc)?”. Foi um “nenhum” objetivo, ou seja, sem justificativa, sem explicação, deixando, no ar, uma dúvida: o que ele *realmente* quis dizer? “Nenhum”, por que não me interessa tê-lo?, “nenhum”, por que não posso tê-lo nesse momento de minha vida?, ou “nenhum”, por que estou profundamente decepcionado com a humanidade? Enfim, ficamos sem saber o porquê de seu não envolvimento...

Geralmente, os alunos manifestaram que o comportamento ético pode ser muito abrangente. Como este, que assim se manifestou: “*Creio que, desde um simples ‘Bom dia’ que damos ao motorista do ônibus que pegamos de manhã para ir à faculdade, até a execução de um grande projeto, estamos realizando algum ato que se encaixa dentro de algum discurso de Direitos Humanos (Y.L.G..E)*”. A aluna B.T.G. mostrou que o exercício do compromisso com a Comunidade vai, desde o âmbito profissional até pequenas ações diárias: “*Acredito que tenho exercitado meus deveres com a comunidade quando procuro trabalhar da melhor forma possível na defensoria pública, ajudando aqueles que não possuem recursos para pagar um advogado. Da mesma forma que quando não jogo o lixo na rua ou cedo meu lugar no ônibus para alguém que precisa, também estou exercendo meus deveres com a comunidade*”.

Dentro do âmbito do “básico do básico”, agrupei as respostas em: comportamento com o meu “próximo mais próximo” e ajuda aos “próximos que não conhecemos”. No grupo dos “próximos mais próximos”, podemos destacar várias respostas, como na seguinte formulação que um deles me deu: “*Respeito as opiniões divergentes entre colegas de trabalho e sei ouvir e respeitar as opiniões divergentes entre colegas de classe*” (A.W.A.). Ou esta: “*Vivo sempre de maneira honesta e respeitando o próximo, sem nenhuma distinção de classe ou cor*” (C.M.P.). Ou ainda: “*O compromisso que tento desenvolver com a sociedade pode ser explicado pelo conceito de pluralismo, o qual tenho como base saber respeitar as diferenças de idéias, visto que todos temos a liberdade de pensar e ninguém é dono da verdade absoluta. Em meu cotidiano, tento ser uma pessoa solidária: nos transportes públicos, sempre que avisto pessoas necessitadas, cedo meu lugar para as mesmas*” (A.L.M.S.).

No âmbito dos “próximos que não conhecemos”, alguns alunos relataram que nunca trabalharam em um serviço que beneficie a Comunidade; entretanto, não descuidam de ações que, mesmo sendo pequenas e isoladas, ajudam outros cidadãos – tais como: doações de alimentos e roupas para as pessoas mais carentes; etc. Um testemunho, muito parecido com vários outros, de trabalho em grupo a pessoas desconhecidas, é este: “*Eu moro em um bairro na zona oeste carioca, chamado ‘Campo Grande’. Boa parte dos moradores vive em condições precárias e, sempre que posso, contribuo de alguma forma. Costumo fazer doações de roupas sempre que possível e colaboro junto a alguns amigos de um mutirão semanal, para dar uma*

refeição para os moradores de rua. O projeto não é meu, somente colaboro na obtenção de alimentos e vejo isso como uma boa contribuição para a sociedade” (H.B.).

Alguns alunos relataram que fazem ajuda às pessoas juntamente com a família, como este: *“Exercendo cidadania por meio de ajuda a instituições carentes, com mantimentos e atenção. Faço isso com meu pai, que ajuda mensalmente um orfanato na cidade de Carmo, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Vou com ele e brinco com as crianças, dou atenção e carinho que, muitas vezes, essas não recebem de outras formas”* (L.P.S.V.). Outra aluna que ajuda uma instituição, junto com sua família, a pessoas fora da cidade do Rio de Janeiro, é esta: *“Como sou de Sergipe, eu e a minha família ajudamos algumas instituições de lá. Doamos dinheiro mensalmente à ‘Instituição Almir do Picolé’, que foi criada pelo Almir, quando ele vendia picolés como fonte de renda e, parte desse dinheiro, era usada para construir a creche hoje existente, que atende a crianças pobres”* (N.A.B.F.). Ainda no âmbito do “básico do básico”, algumas respostas foram: *“Não penso apenas em mim, saio da acomodação, ajudo o próximo e, assim, sou exemplo para as futuras gerações”* (P.S.Q.).

## **2. O compromisso do “voluntariado”**

Nós, professores da *Cultura Religiosa* (CRE) da PUC-Rio, geralmente, percebemos o quanto o voluntariado “fala” fundo no coração dos nossos jovens estudantes! Muitos, neste trabalho de G1, disseram que procuram se integrar ou, ao menos, visitar instituições e ONGs (Organizações Não Governamentais), que desenvolvam trabalhos em prol da sociedade – sejam caritativos ou focados na área profissional. Inclusive, um aluno (V.R.P.) fundamentou o trabalho voluntário nos princípios da Constituição Brasileira: *“A República Federativa do Brasil expõe como um dos seus fundamentos, o princípio da solidariedade (Artigo 3, I), na qual todos, mediante o trabalho e esforço comum, devem unir-se em prol de uma sociedade igualitária”*. Buscarei mostrar, a seguir, outros testemunhos dos alunos.

Alguns priorizam o trabalho voluntário junto às crianças, por serem o futuro de nossa Nação. É no que acredita, por exemplo, este aluno: *“Atualmente, sou integrante de uma equipe de robótica e, sempre que possível, partilhamos desse conhecimento adquirido, ministrando palestras em escolas, para incentivar as crianças e adolescentes. Também sou co-fundador de um projeto [“ARA”<sup>1</sup>], que trabalha no mesmo âmbito, que é ampliar a visão de mundo das pessoas, em especial, começando pelas crianças, pois elas são a base”* (Y.L.G.F.). Outra citada, que trabalha com crianças, foi esta: *“Tento aumentar o acesso de crianças carentes ao*

<sup>1</sup> Segundo o material enviado pelo próprio aluno co-fundador, o “Projeto A.R.A.” é *“...um projeto independente criado por alunos da PUC-Rio, que teve a sua origem com a ambição de suprir a lacuna no currículo do ensino público no que se refere aos contextos multiculturais, direitos humanos, civis e ambientais. O projeto conta com um mês de capacitação dos voluntários e três meses de aulas no NEAM (Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor) e em escolas públicas, destinando-se a desenvolver socialmente crianças e adolescentes pertencentes à classe popular. As escolas públicas fornecerão suas instalações como local de atuação do Projeto ARA, como fornecerão, também, participantes (alunos beneficiados) para tal. As aulas serão ministradas por universitários brasileiros e estrangeiros, buscando-se, assim, o intercâmbio cultural, estabelecendo uma troca de conhecimento e aprendizado sobre as diferentes visões de mundo e modos de vida. Alunos interessados em participar do projeto, ao serem aprovados no processo de seleção, terão a oportunidade de viver uma experiência enriquecedora de imersão em uma das faces da cultura brasileira, diferenciando sua própria formação (...)”*.

*mundo da arte e expressão pessoal através do desenvolvimento de aulas de arte pela ONG 'Onda Solidária' (C.O.).*

Houve quem dissesse: *"Participo de um projeto que visa o bem estar de crianças abandonadas e idosos desamparados" (C.S.A.V.)* – embora, infelizmente, não tenha dito qual o projeto... Ainda no campo da ajuda a crianças, alguns alunos colaboram voluntariamente em instituições que já fazem um trabalho: *"Costumo ajudar a Casa Ronald, a qual oferece ajuda e tratamentos a crianças com câncer de forma gratuita. Este projeto foi produzido e é patrocinado pelo Mc Donald's e salva muitas vidas todos os anos. O último trabalho que fiz lá foi levar quadros e tinta para as crianças pintarem seus próprios quadrinhos para os pais" (C.V.O.).* Uma aluna, por sua vez, usou sua primeira profissão para promover a ajuda a crianças, como ela mesma conta: *"Na minha primeira graduação como fonoaudióloga, eu fiz atendimento gratuito a crianças carentes no meu próprio consultório. O trabalho era feito na área de aprendizagem: as crianças faziam exercícios para melhorar a troca de grafemas na escrita e troca de fonemas na fala" (T.S.C.G.).* Outra aluna trabalha, também, com uma ONG que cuida de crianças: *"Realizei, recentemente, dois projetos da ONG 'Sonhar Acordado', com crianças de 7 a 10 anos. Foi uma experiência incrível, onde pude realizar sonhos e desejos de crianças incríveis! A sensação de dar é muito mais gratificante do que a de receber. Também considero como um dever do cidadão o de doar roupas a desabrigados em épocas de inverno: costumo entregar em mãos, não tenho uma instituição específica" (J.M.C.M.).*

Outros alunos, por sua vez, gostam de trabalhar com adolescentes e jovens. É o caso desta aluna, que disse: *"Me dedico a trabalho voluntário em um pré-vestibular comunitário, onde há três anos eu fui aluna. Acredito que, da mesma forma com que eu fui ajudada, posso ajudar também, principalmente nessa fase, onde não se existe muita oportunidade para o jovem adentrar em uma universidade, ainda mais pessoas que tem menos condições financeiras..." (A.C.L.L.).*

Houve alunos que relataram trabalharem, voluntariamente, com adultos. É o caso da aluna F.M.: *"Desde os 15 anos, incentivada pelos meus pais, professores e colégio, tenho realizado diversos trabalhos voluntários. Dentre os vários com os quais me envolvi, participei de arrecadações e entrega de alimentos em comunidades carentes, de captações de recursos para construção de residências emergenciais em áreas de risco, participei de dias de recreação para crianças órfãs ou separadas dos pais pela justiça e participo da montagem de cestas básicas para famílias de baixa renda no Natal. Além disso, duas vezes por semana, dou aulas de química, física e matemática à noite para adultos, que estão cursando ensino médio ou cursos técnicos, e aula de reforço para alunos da rede pública".* Alguns alunos prestam serviço voluntário no bairro onde mora; é o caso de B.C.M.: *"Colaboro com trabalhos voluntários na comunidade do Parque da Cidade, local onde resido, com aulas no setor de audiovisual e workshops".*

A preocupação com a questão da *moradia* apareceu em algumas respostas, felizmente. Uma foi: *“Optei por participar em trabalhos voluntários que versem sobre a questão da habitação/direito de moradia. Sendo assim, desde o ano passado, tenho participado ativamente, sem fins lucrativos, na “TETO” (ou TECHO, como, às vezes, é conhecida internacionalmente), que age nas comunidades da periferia da cidade do Rio de Janeiro ( Vila Beira-Mar; Jardim Gramacho; Parque das Missões) e de outras cidades do Brasil”* (V.R.P.). Outros alunos também são engajados nessa ONG: *“Recentemente, assumi um compromisso social, me engajando na TETO, cujo objetivo é superar a situação de pobreza em que vivem milhões de pessoas em comunidades, através da ação conjunta de seus moradores e jovens voluntários”* (C.R.F., como, também, os alunos L.C.R., N.G.B. e F.G.). E ainda outro: *“Há pouco mais de um ano trabalho numa ONG chamada TETO. Um dos projetos é a construção de moradias de emergência, onde já participei da construção de cinco casas. O direito à moradia digna está contido na Declaração Universal dos Direitos Humanos e no Artigo 6º da Constituição Federal do Brasil”* (R.B.C.). Outro aluno também trabalha voluntariamente em uma ONG que promove moradias – mas não citou o nome – e colabora financeiramente com outra: *“Faço doações mensais em dinheiro para uma organização humanitária internacional, que presta ajuda à pessoas em necessidade ao redor do mundo. Quando posso, também participo de mutirões de uma organização que constrói casas modulares para pessoas que vivem em situações precárias”* (M.R.M.).

Outras ONGs da área da *educação* também são visadas pelos nossos alunos para um trabalho voluntário: *“Mas a maior contribuição, acredito eu, é a doação de tempo para trabalhos voluntários, que pratico desde os 15 anos. Primeiramente, participei de uma ONG que promovia intercâmbios culturais entre pessoas de todo o mundo e que subsidiava bolsas de estudo para quem não podia pagar. Dessa forma, vi alguns jovens bem pobres viajando para outro país, para ter uma experiência intercultural. Recentemente, tenho trabalhado para outra ONG, que promove cursos e pequenas palestras para crianças e jovens de escolas públicas, com o objetivo de empoderá-los e criar uma sociedade melhor. Os assuntos vão desde proteção ambiental à orientação financeira pessoal, passando, também, por ética, orientação de carreira, apoio à abertura de empresas, etc”* (G.V.). Outra manifestação de participação voluntária na área da *educação* foi esta: *“No início do ano de 2015, terminei a minha participação em um projeto que tinha como principal foco a educação. Eu dava aulas de língua portuguesa e redação para alunos provenientes de colégios públicos do Rio de Janeiro, que almejavam entrar em algum colégio da rede pública federal de ensino”* (G.N.F.).

Um aluno contribui através de sua atuação profissional e, também, em uma ONG: *“Como servidor público da ‘Secretaria de Estado de Cultura’, estou contribuindo para o melhor funcionamento deste órgão público, para que haja o desenvolvimento cultural da sociedade, por meio de projetos artísticos, audiovisuais, cursos e etc. No fim de 2014, participei de uma ação da ‘ONG RISO’, que tem projetos para crianças de comunidades carentes. Já participei*

*de diversas atividades em orfanatos – como no ‘Educandário Romão Duarte’ –, com doação de alimentos, roupas, e livros, ao longo dos últimos anos” (H.H.).*

Uma determinada aluna aproveitou as oportunidades dadas pela própria universidade (PUC-Rio) e se inseriu em Projetos da mesma, além de outros: *“O trabalho voluntário já faz parte da minha vida há algum tempo. Na PUC-Rio, participei dos projetos sociais ‘Unicom Amazônia’ e ‘Unicom Rocinha’. No primeiro, visitei algumas comunidades ribeirinhas e acompanhei o trabalho de apoio do exército; no segundo, dei aula de matemática para crianças da Comunidade. No ‘Colégio Estadual Manoel Bandeira’, participei de um projeto de um pré-vestibular comunitário, onde dei aula de matemática por quase 2 anos. Iniciei, agora, um projeto em um Hospital Psiquiátrico, que está recebendo pacientes trazidos de um Manicômio, onde o sistema era no molde manicomial – um ‘depósito’ –, e o nosso objetivo é resgatar os laços familiares, pois são anos de esquecimento” (H.S.).* Outro também atuou em um Projeto da PUC-Rio: *“Do fim de 2013 ao início de 2014, participei de um projeto de vestibular comunitário na PUC chamado ‘Nead” (J.P.B.M.N.).* Outro aluno destacou o próprio fato de estudar na PUC-Rio: *“A PUC é um ótimo lugar pra conviver com a diversidade e é impressionante como aprendemos cada vez mais quando temos contato com pessoas diferente de nós. Se cada um fizer a sua parte, com certeza teremos um mundo mais justo e melhor” (M.M.M.P.C.).* A participação no Coral da PUC-Rio também foi lembrada: *“Participo do Coral da PUC-Rio e trazemos boas músicas para a platéia e promovermos a universidade nas suas missas, aberturas de eventos e outros de coros” (P.A.T.).*

A área do esporte também foi lembrada por um aluno – uma área com a qual ele colaborou: *“Um compromisso que eu desenvolvi de forma informal, foi fornecer informações para que o projeto social desenvolvido na ‘Cruzada São Sebastião’ pudesse ter um número de CNPJ e, assim, receber incentivo de empresas privadas. Este projeto visa, através do esporte (basquete), atender os jovens da Cruzada e propiciar um futuro melhor através do esporte” (I.F.).* Outro aluno também participa do mesmo: *“O projeto ‘Basquete Cruzada’ tem sido aquele ao que mais direciono esforços, procurando sempre reforçar a divulgação das atividades desenvolvidas, incentivar amigos a conhecerem o trabalho e adquirirem produtos, para que o projeto consiga gerar renda e se desenvolver ao máximo. Procuro apoiar as atividades esportivas que o projeto oferece, acreditando no basquete como ferramenta de agregação e desenvolvimento social por meio do esporte” (P.L.R.C.).*

Uma aluna relatou que ela e a família atuam conjuntamente: *“Eu e minha família vamos a um orfanato frequentemente, para auxiliar as crianças em suas formações. Destinamos um pouco do nosso tempo para brincar com elas, oferecer um pouco de carinho e afeto e tentar auxiliar na educação social de cada uma. Além dessas atividades, fazemos doações mensais de cestas básicas para famílias de baixa renda” (J.S.).*

Outros alunos fazem voluntariado através da própria área profissional – quesito que avaliaremos a seguir. Um exemplo é o de C.C.M.: *“Fui voluntária da Defensoria Pública do*

*Leblon, que é especializada no atendimento de idosos e deficientes físicos que não possuem, sozinhos, os meios necessários para conseguir assistência jurídica ou um advogado particular”.*

### **3. O compromisso profissional**

Muitos manifestaram preocupação com a “ética profissional” – ou seja, serem bons profissionais. Como, por exemplo, esta aluna do Curso de Pedagogia: *“Tenho a ‘missão’ e o dever de trabalhar com a inclusão, com a igualdade, com o respeito, com a prática da alteridade constante (...). Atitudes que, a princípio, podem parecer pouco relevantes, mas que, em um futuro próximo, podem reverberar a mudança significativa da realidade social a qual estamos inseridos”.* (A.A.L.S.M.) Outro aluno (B.M.R.), que estagia como professor de crianças, fez a seguinte declaração: *“O que tento fazer para colaborar o máximo possível, é educar as futuras gerações, através do exercício de professor em uma escola no Estado do Rio de Janeiro”.*

Alguns têm esperança de, quando se graduarem, possam contribuir com a sociedade, sendo bons profissionais. Uma aluna da arquitetura assim se expressou: *“Quando me tornar uma arquiteta, quero ajudar a comunidade através da minha capacitação profissional. Gostaria de estar fazendo mais agora...”* (V.C.). Outra (B.A.P.M.) aproveita o período da graduação para se preparar bem: *“Como estudante, procuro me desenvolver ao máximo em todos os âmbitos acadêmicos, a fim de, no futuro, prestar serviços à sociedade, de forma íntegra e comprometida com valores éticos e morais, que visem o bem comum”.* Outro exemplo é o seguinte: *“Atualmente, curso engenharia elétrica com ênfase em eletrônica e, no futuro, quando me formar, pretendo trabalhar com a área de desenvolvimento de tecnologias verdes, para serem implementadas no país”* (H.P.S.).

Outros alunos já começam esse compromisso ético com a *escolha da empresa* em que vão estagiar. Este aluno, por exemplo, se manifestou assim: *“Tenho contribuído para o crescimento da minha empresa, fazendo com que ela cresça cada vez mais, tornando-se referência para outras organizações. Procuro estar sempre atento às inovações e mudanças no ambiente externo, para levar para meus superiores ideias e sugestões. Acredito que, com isso, a empresa possa se expandir, criando novos cargos, dando emprego para mais pessoas e movimentando o mercado farmacêutico [Profarma]. A responsabilidade social é um dever das empresas para com a sociedade, promovendo eventos, doações, programas educacionais, etc. Tenho orgulho de dizer que faço parte de uma empresa que preza estas responsabilidades”* (A.B.).

Ainda aproveitando o tempo do estágio, temos o seguinte depoimento: *“Eu faço estágio já há sete meses em uma startup de educação: oferecemos apoio escolar, aulas particulares e curso de inglês, na Barra da Tijuca, chamada ‘Let It Grow’, que tem o objetivo de treinar a oratória dos estudantes (nas atividades em equipe ou nas aulas que os próprios estudantes irão dar a outros) e desenvolver os mesmos em regras e condutas”* (L.W.B.). Uma aluna de

Psicologia também aproveita o estágio para ajudar as pessoas: *“Faço estágio em uma escola. Eu trabalho em uma turma de primeiro ano, com crianças de seis anos de idade. Além de eu ajudar a educá-las para serem seres humanos melhores e ensinar alguns dos princípios básicos da convivência grupal, eu tento todos os dias passar bons valores a essas crianças. Por ser uma escola inclusiva, ela aceita crianças com problemas graves como paralisia infantil, síndrome de down entre outras. É muito importante elas conviverem com as diferenças desde cedo, e saberem que todos os seres humanos merecem carinho, amor e merecem ser respeitados e eu todo dia enfatizo isso a elas”* (L.A.).

Outros alunos aproveitam, em grupo, esta oportunidade de, profissionalmente, atuarem na transformação da sociedade. Por exemplo, o aluno A.L.B.B. faz parte de um grupo de pesquisadores (alunos bolsistas, preceptores profissionais e Tutor), que analisa o “Regime de Informação”, na Emergência do Hospital Público. Este grupo busca entender a realidade da emergência e as relações existentes, com o objetivo de implantar um Sistema de Informação que facilite o trabalho hospitalar, visando o bem-estar e a qualidade de atendimento dos usuários, otimizando o funcionamento e a gestão.

Alguns alunos estão na segunda graduação e, desde a primeira, se utilizam do espaço profissional para melhorar a vida das pessoas: *“Sendo profissional formado em Ciência da Computação, trabalhei ativamente, por quase dez anos, no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, na informatização do judiciário, visando melhorias no processo e maior celeridade nos resultados judiciais. Atualmente, curso uma nova faculdade e, futuramente, com os conhecimentos adquiridos em engenharia civil, pretendo auxiliar, de alguma forma, a população”* (E.M.P.J.). Outro aluno (F.A.N.) também está na segunda faculdade, mas, desde a primeira, busca ajudar as pessoas: *“Desenvolvi, nas empresas onde passei, um sistema de empréstimo aos funcionários mais necessitados”*.

Outro exemplo de grupo de alunos que usam sua profissão para pensar uma forma de melhorar a vida e as estruturas da sociedade brasileira é este: *“Tenho desenvolvido, com um grupo de cinco pessoas, para a disciplina de Banco de Dados 1, um trabalho que poderá vir a auxiliar o projeto social ‘Dom Hélder Câmara’, da Cruzada São Sebastião, oferecendo, aos coordenadores do projeto, uma forma simples e intuitiva de realizar consultas às informações disponíveis sobre o desempenho dos seus alunos, ao longo do ano em que são preparados para as provas das principais instituições gratuitas de ensino fundamental e médio do Rio de Janeiro”* (D.B.M.).

Um aluno do Curso de Design deu, também, seu testemunho: *“Sou responsável por promover mudanças que viabilizem a melhoria de algum aspecto da vida das pessoas – seja esta mudança oriunda de um produto ou de um movimento. Como designer, atuo nas mais variadas áreas do mercado que, por sua vez, atingem várias áreas da sociedade...”* (P.M.). Para o aluno T.F.R., sua contribuição profissional imediata *“... é minha participação ativa em pesquisas acadêmicas e laboratoriais na minha iniciação científica, com propósitos de saúde.*

*Por exemplo: analisando plásticos utilizados indevidamente; com laudos teóricos, podemos aumentar o rigor e a vigilância de produtos importados ou nacionais, evitando que os cidadãos sofram os danos, através desse contato” (T.F.R.).*

Um aluno (A.R.) compartilhou uma iniciativa que houve no ambiente onde ele estagia: *“No trabalho, participo do ‘Comitê de Qualidade e Sustentabilidade’. Com isso, pensamos em mecanismos para reduzir o uso do consumo de folhas de papel para impressão, melhor utilização da água, da luz, além de fazermos um controle de coleta seletiva de lixo. Até então, não foi possível medir os resultados, por ser um comitê com menos de dois meses de implementação, mas a aceitação foi boa entre os funcionários, que estão até mesmo levando algumas das medidas para casa” (A.R.).* Outro (R.V.) também está muito empolgado com a fase do estágio: *“Feliz com o início da minha nova jornada profissional, entendo que tenho assumido o compromisso com a empresa, e assim com o seu objetivo maior, de tornar um mundo mais inteligente e melhor para todas as pessoas”.*

Outro testemunho veio de uma aluna de Jornalismo: *“No âmbito profissional, acredito que ajudo a comunidade quando denuncio, através da prática do jornalismo, o que não está correto” (R.R.).* Outro trabalha na área financeira e assim se manifestou: *“Um exemplo de atividade essencial da minha profissão para a sociedade é satisfazer a necessidade de postura ética em uma instituição financeira, em cumprimento com as regras da organização e com os órgãos reguladores que atuam, direta ou indiretamente, na execução dos projetos de cada área da empresa, com o objetivo de melhorar o planejamento ou estrutura financeira de cada cidadão” (F.D.S.C.).*

Outro depoimento interessante foi desse aluno (S.G.S.): *“Sou militar da Marinha do Brasil e enfermeiro. Sempre que o governo necessita de apoio extra, somos convocados, (como, por exemplo, em catástrofes naturais). Outra atividade em que participo é de voluntário da Cruz Vermelha do Rio de Janeiro, dividindo entre a cidade do Rio de Janeiro e a cidade de Itaboraí. Pela CV, desenvolvemos campanhas para a prevenção de diabetes, hipertensão, DSTs; também aplicamos cursos de primeiros socorros, resgate, entre outras atividades. E, como universitário, busco uma formação rica em multidisciplinaridade, porque posso ter uma visão holística da sociedade e focar nas necessidades das pessoas, quando eu for desempenhar-me como profissional de administração”.* Mas ele não é o único aluno meu de Ética Cristã que participa, voluntariamente, da Cruz Vermelha: *“Para com a minha comunidade/sociedade participo de forma voluntária da ‘Organização Humanitária da Cruz Vermelha’, ajudando em trabalhos de arrecadação de alimentos, ajudas emergenciais para momentos de catástrofes naturais, conscientização humana, entre outros” (F.V.).* Outra aluna também trabalha na área da saúde: *“No momento faço parte do ‘PET’ (Programa de Educação para o Trabalho), no Hospital Municipal Miguel Couto, na linha do Processo de Trabalho e Educação Permanente. O principal objetivo é saber quais as dificuldades e perspectivas de*

*educação permanente para os profissionais da saúde para a implementação de projetos de aprimoramento desses profissionais” (L.F.A.).*

Os estudantes de Direito da Puc-Rio são organizados no âmbito político – é o que nos relata F.C.R.G.: *“Me dedico ao trabalho desenvolvido no ‘Centro Acadêmico Eduardo Lustosa’ (um centro de representação e organização político-social dos estudantes de Direito da PUC-Rio). Compreendendo que nossa atuação não pode se limitar aos muros da faculdade ou às incumbências de um Grêmio Recreativo, buscamos: (i) promover discussões que possam ajudar o corpo discente a melhor compreender o mundo e a pluralidade do mesmo; (ii) agir de forma conjunta com os movimentos sociais, auxiliando os mesmos da melhor maneira possível; e (iii) criar novas iniciativas, que possam trazer benefícios para a construção de uma comunidade mais humana e comprometida com o bem comum. Todas as nossas ações são orientadas pelos preceitos de busca de uma sociedade mais justa e igualitária em amplo sentido”.*

Uma aluna reconhece sua pouca participação atual, mas promete muito para depois de graduada: *“Meu dever de cidadã para com a comunidade não é nada tão satisfatório como gostaria... Mas pretendo, depois, fazer algo maior: com o dinheiro que eu ganhar, dividir uma porcentagem com os que não têm nada – aliás, felicidade completa é felicidade compartilhada” (B.A.B.).*

E, abrindo já para o próximo item deste artigo, outra importante manifestação veio do aluno P.C.T.S., que está trabalhando em: *“... um projeto de restauração de florestas urbanas no Rio de Janeiro, tendo sempre em vista que a natureza, um meio ambiente em boas condições é a maior riqueza que podemos deixar para nossos filhos” (P.C.T.S.).*

#### **4. O compromisso com o meio ambiente**

A consciência eco-lógica – ou seja, a adoção de atitudes lógicas e racionais com o ambiente em que estamos inseridos – permeou muitas respostas, felizmente. Esse “respeito ao meio ambiente” apareceu de muitas formas em muitas respostas, mostrando o quanto nossos alunos são sensíveis a essa questão.

Um dos principais exemplos éticos para com o meio ambiente apareceu no quesito do lixo, como, por exemplo: “não deixando sujeira no chão e sendo, dessa forma, exemplo aos outros...” (A.W.A.); ou “a prática da reciclagem e manipulação eficiente do lixo produzido, evitando seu acúmulo” (V.G.B.); também foi citada a separação entre lixo orgânico e inorgânico e a consciência do consumo com responsabilidade (o que, também, leva à diminuição da produção do lixo – C.R.F.). O aluno V.P.C.A. também se manifestou: “Eu tenho desenvolvido o compromisso ambiental, de separar o lixo, não deixar o lixo em locais indevidos e economizar água e energia. Também tenho doado o óleo usado de cozinha, para ele ser reaproveitado” (V.P.C.A.). O reaproveitamento do lixo também é exercido por um aluno: “Alimento composteiras orgânicas: ao invés de jogar cascas de legumes e de ovo, ou borra de café, no

lixo comum, misturo esses compostos com terra, a fim de adubar as plantas que possuo em casa, diminuindo a quantidade de lixo produzida em minha residência” (J.K.L.). E também por este: “Possuo uma horta em casa, onde reutilizo o lixo orgânico como adubo, além de diminuir o consumo de plástico nos supermercados, levando minhas próprias sacolas ecológicas” (J.P.S.M.).

Outra aluna, além da preocupação com o lixo, se preocupa com a preservação do ambiente na universidade: “*Não poluo lugares públicos nem particulares, me preocupo sempre em separar o lixo em reciclável e não-reciclável; recolho o lixo da praia, da sala de aula e de qualquer lugar que eu for (tenho um bolso especial na minha mochila para acumular o lixo e depois jogá-lo numa lixeira), etc. Me revolta muito ver, na minha universidade, pessoas que, não satisfeitas em desrespeitar as regras e fumar em lugares fechados, jogam o cigarro no chão. Já vi, inclusive, muitos professores fazendo-o*” (R.C.A.C.). E, por falar em praia, olhe o compromisso desta aluna: “*Um compromisso que tenho desenvolvido junto com a minha comunidade é a limpeza semanal, em grupo, da praia da Joatinga*” (M.L.R.).

Outro nível de ação ecológica que apareceu muitas vezes é a referente à preservação da natureza como um todo e à consciência no consumo da água e da energia; muitos alunos disseram que evitam o desperdício, reduzem o consumo, etc. Um depoimento que apareceu muitas vezes foi como este: “*Procuro, através de pequenos atos no dia-a-dia e, também, através do meu trabalho como estudante de ciências biológicas, conservar o meio ambiente*” (T.N.A.). Um aluno (B.C.M.) entende “meio ambiente” como, realmente, o meio em que se vive: “*Tento, ao menos, colaborar para a política da boa vizinhança. Mantenho meu espaço limpo, sem poluição visual, sonora, entre outros*”.

Repensar a questão do trânsito também apareceu nas respostas: “*Estou pensando em abdicar de ir para faculdade de carro, utilizando bicicleta ou o meio de transporte coletivo – já que não moro tão longe*” (E.F.M.R.). Outro aluno (B.G.) está aproveitando bem seu tempo de graduação, repensando o trânsito: “*Estou desenvolvendo um projeto com um grupo da faculdade para a conscientização de motoristas de ônibus e da população em geral sobre a importância da utilização de bicicletas em nossa sociedade, além de mostrar os cuidados que devem ser tomados para com estas no trânsito*”.

O depoimento a seguir mostra muito bem a sensibilidade de nossos jovens com a questão ecológica: “*Estudo muito sobre questões ambientais, que é um tema que tenho profunda preocupação. Acredito que o meio de superar este quadro de múltiplas crises que vivemos, só depende da nossa iniciativa e mudança de postura. É a minha contribuição, através da ‘Pegada Ecológica’ do mundo. Quero, através da minha profissão, ampliar minhas possibilidades de atuação no âmbito social e ambiental*” (J.S.).

Ainda no quesito do respeito ao meio ambiente, alguns se lembraram da questão dos animais – embora muito poucos, diga-se de passagem. O aluno C.R.F. lembrou-se do respeito aos animais; outro aluno assim escreveu: “*... No domingo, depois do almoço, sempre ajudamos*

*um morador de rua. E, principalmente, os animais de rua*” (S.D.). Outros alunos compreendem que esse compromisso com o meio ambiente deve ser maior que as pequenas e mínimas ações cotidianas, como este: “... *promovo o desenvolvimento da sociedade como um todo, participando de projetos de empreendedorismo que trabalham a sustentabilidade*” (A.W.A.). Outra, participa voluntariamente nesta área: “*Além das atitudes básicas, realizo voluntariamente, ajuda a um abrigo de animais semanalmente*” (L.L.F.).

### **5. O compromisso político**

A consciência de que a *participação política* é muito importante – desde os mínimos até os grandes comprometimentos – apareceu em muitas respostas (o que me deixou, particularmente, esperançosa). Houve, inclusive, um aluno que propôs uma *classificação* da forma de comprometimento político que devemos ter: “*Eu acredito que existem duas formas de compromisso com relação à sociedade: - ‘Compromisso ativo’, cujos exemplos seriam o próprio trabalho (uma forma de contribuir com a sua mão de obra pela melhoria da sociedade) e o voto (porque, apesar de obrigatório, é uma decisão que contribui e interfere diretamente nas mudanças do País); - ‘Compromisso passivo’, que seria em relação à forma como se deve agir perante a sociedade, respeitando as diferenças e tratando o próximo da mesma forma como gostaríamos de ser tratados*” (A.V.P.).

Neste quesito da participação política, quero agrupar as respostas dos alunos nas seguintes seqüências: (i) *consciência da cidadania*, e (ii) *participação em algum projeto político* (associação de bairro, sindicato, partido, etc). No primeiro aspecto – *consciência da cidadania* –, muitos alunos se manifestaram, dizendo fazer, aqui também, o “básico do básico”. Uma resposta aqui selecionada foi: “*Sou cumpridora dos meus deveres morais e de ordem pública*” (C.S.A.V.) e outra: “*Como cidadã, sempre me ateno a cumprir leis e regras estabelecidas pela sociedade, para que possamos viver em harmonia, na busca de um mundo com mais amor ao próximo*” (B.A.P.M.). E ainda outra: “*Exercer o meu papel de cidadão, fazendo o possível para melhorar a cidade*” (P.S.Q.). É interessante como também apareceu, várias vezes, uma atitude cidadã básica: “*Protejo o patrimônio comunitário, público e social de minha universidade e cidade*” (B.P.). Outra aluna identificou como “cidadania”, também, outra ação: “*Tenho por hábito, por exemplo, ‘investigar’ as lojas que frequento para consumir roupas e acessórios, através de um aplicativo no celular (‘moda livre’), ou de pesquisas na internet, para evitar aquelas que se utilizam de mão de obra escrava ou explorada em suas produções*” (T.F.R.).

Dentro, ainda, da *consciência política*, temos o depoimento de D.F.: “*Quando, por exemplo, pago os meus impostos, estou contribuindo para o cumprimento do que é estabelecido como compromisso moral e social para com a minha sociedade. Quando viajo, como representante do meu país e obedeço as leis dos países em que estou visitando, cumpro e obedeço as normas legais de tal sociedade. O simples voto eleitoral, formas de dispensa do*

*lixo doméstico, e até transitar nas ruas com veículos particulares ou públicos de modo respeitoso e dentro da lei, são modos de exercitar o respeito à liberdade de outro”.*

Uma aluna (R.N.V.) – ainda no quesito “consciência política” – identificou a existência de pessoas que são usadas pelo sistema econômico atual: *“As pessoas não podem servir de mecanismos para o enriquecimento desordenado e desumano de uma minoria rica, que tenta massacrar, com atitudes egoístas e extremamente gananciosas, uma maioria presa num sistema capitalista desprendido da moral e ética, alienadora de todos os segmentos importantes que visam a regularização de políticas que conduzem o indivíduo a direitos enquanto cidadãos e seres humanos”.*

Houve quem se lembrasse de que a doação de sangue também faz parte do exercício da cidadania: *“A doação de sangue também é muito importante e gosto de doar sangue regularmente”* (G.T.P.M.F.).

Muitos alunos disseram conhecer suas obrigações como cidadãos ao votarem (como A.L.P.S., B.P., entre vários outros). Foi, realmente, um número alto de manifestações na questão do voto consciente: *“Um dos compromissos para com a sociedade que eu julgo ser um dos mais importantes é a participação nas eleições, onde procuro votar de forma consciente”* (T.N.A.). Outro testemunho foi o seguinte: *“Acredito que já exerço meu papel de cidadã brasileira no momento em que voto de maneira consciente, pensando no que essa pessoa poderá fazer de bom, não apenas para mim e minha família, mas para o país ou o bairro em que resido; respeitando as diferenças, individualidades e gostos de cada um; não burlando as leis para benefício individual ou coletivo; não destruindo o patrimônio público e preservando a natureza, entre outros”* (D.C.N.P.).

Ainda pertinente ao quesito da “consciência política”, uma aluna se manifestou na questão dos direitos das minorias – principalmente as mulheres: *“Sou uma ávida defensora dos direitos das minorias, mas, principalmente dos direitos das mulheres, categoria minoritária da qual faço parte, e tento explicar para as pessoas ao meu redor a situação na qual essas minorias se encontram e as dificuldades por elas enfrentadas, de modo a tentar conscientizar as pessoas sobre o assunto e incentivar o respeito entre elas”* (C.C.M.).

No segundo grupo – respeito às leis –, muitos alunos se manifestaram, como esses: *“Respeitar as leis é compromisso de todo cidadão que queira dar exemplos ao próximo, de maneira que ele respeite a comunidade que você está inserido...”* (A.B.); *“Acredito que, dentro dos deveres de cada cidadão para com a comunidade, estejam o cumprimento das leis como um todo, o esforço em melhorar o ambiente onde se vive e o respeito a todos os seres humanos sem distinção”* (A.T.B.); *“O compromisso de, diariamente, seguir as leis impostas pelo país”* (B.N.). Um aluno (R.F.O.) se referiu aos compromissos, especificamente, como deveres: *“O cidadão tem, necessariamente, que assumir os seus deveres: desde os deveres fiscais até aos deveres de preservação de uma sã concorrência nos mercados, passando pelos deveres já referidos de participação democrática. Tem, cada vez mais, que se responsabilizar por si*

*próprio, pela sua formação e desenvolvimento de competências, e por todos os atos e atitudes que vai tomando ao longo da vida”.*

No último grupo – o da participação política direta –, começo destacando esta fala: *“Eu sou integrante da ‘Associação do Alto JB’, formada por moradores do Jardim Botânico. Um dos nossos maiores compromissos é com a reciclagem do lixo do bairro e o combate à proliferação do mosquito da dengue. Acreditamos que conscientizando os moradores sobre estes problemas, estamos realizando um dever cívico e social, evitando problemas futuros. Eu estou satisfeito com meu compromisso para com o bairro que tanto prezo”* (P.S.L.M.). Uma aluna compartilhou conosco sua contribuição política direta: *“Atualmente, em benefício à comunidade do prédio, faço o trabalho de síndica, preservando a segurança, fazendo a manutenção das calçadas da rua e preservando o bem-estar dos moradores”* (T.S.C.G.).

Surgiram, igualmente, neste último quesito, vários testemunhos de conscientização política, como este: *“Eu, particularmente, tenho desenvolvido um trabalho de consciência política e valorização da participação democrática na minha comunidade que também engloba um significativo número de pessoas na rede virtual”* (A.F.S.). Outro, relata que aprendeu muito de cidadania com a experiência fora do país: *“Vivi uma experiência de cidadania em outro país por cerca de 1 ano e 6 meses e, com esta experiência, pude evoluir como cidadão, amadurecer, observar e aprender formas de semear bons costumes. Procuo conversar com pessoas que têm menos instrução do que eu, também coloco assuntos como política, discriminação e corrupção em rodas de amigos e familiares. Se queremos mudança, temos que mudar nós mesmos e nosso entorno primeiro”* (A.A.S.N.).

Uma aluna também participa, politicamente, de várias formas, segundo o próprio relato dela: *“Respeito sempre a liberdade e os direitos de os outros cidadãos, satisfazendo as exigências da moral (respeitando sempre minha família), da ordem pública (nunca violando o patrimônio da sociedade de maneira nenhuma e cuidando bem das ruas e praças ao meu entorno) e do bem-estar da sociedade como um todo (buscando ser solícita quando possível e necessário – por exemplo, participar de manifestações pacíficas, com o intuito de se fazer cumprir os direitos já estabelecidos e que estejam sendo, de alguma forma, negligenciados)”* (B.S.M.O.).

E, finalmente, um aluno que participou ativamente em sindicato: *“O meu compromisso foi ter participado no movimento sindical da última empresa em que trabalhei, onde pude participar da vida da empresa e discutir sobre maneiras de atender aos desejos e necessidades dos funcionários, sempre pensando em seu bem estar”* (L.C.B.). Nenhum aluno relatou integrar algum partido político...

## **6. O compromisso religioso**

As atitudes éticas no campo da prática religiosa também apareceram nas respostas dadas por alguns alunos, como, por exemplo, esta: *“O exercício no qual venho exercido meu*

*compromisso é levar a minha fé cristã a outros indivíduos, sem ultrapassar os limites do pensamento do outro, o respeito ao outro e a paz ao transmitir a minha fé* (A.M.M.). Outro aluno (B.M.R.) assim explanou seu compromisso de fé: *“Tento cumprir com meu papel de filho de Deus, estendendo a mão para todos aqueles aos quais eu posso ajudar, seja com uma palavra, com bens materiais, com uma prece ou com um sorriso”*.

Surgiram muitos depoimentos de doações feitas pelos alunos ou por suas famílias na igreja em que freqüentam, para a ajuda de famílias necessitadas. Alguns chamaram a atenção, como este: *“No último domingo de cada mês, juntamente com o departamento de beneficência da igreja, levo uma coleta de roupas usadas para uma unidade prisional ou um abrigo de idosos”* (A.F.S.) – exatamente porque o aluno não apenas doa, mas vai pessoalmente com um grupo levar as doações a uma prisão (o que é bem raro) ou a um asilo de idosos. Outro trabalho feito com os idosos é o relatado por esta aluna: *“Fui voluntária e coordenadora no movimento ‘Ação Social’, promovido pela igreja Nossa Senhora do Loreto, que realizava encontros com idosos e crianças carentes, distribuindo roupas, brinquedos e livros. Atualmente, uma vez por mês, visito um asilo localizado na Taquara, onde leio e converso com os idosos que lá residem”* (L.F.L.).

Outro testemunho cristão vem deste aluno: *“Particularmente, gosto de um projeto que participo na minha cidade aos fins de semana, chamado ‘café da manhã com Jesus’, no qual, mais do que se tratar de um ponto de cuidado espiritual, o mais importante naquele momento são as necessidades materiais dos moradores de rua que, normalmente, eu abordo”* (G.Q.S.R.). Outro testemunho mostra uma iniciativa cristã própria, sem relação com uma instituição religiosa: *“Desenvolvo um trabalho na comunidade da ‘Cidade de Deus’, com crianças e adolescentes, a partir da evangelização cristã e cidadania. A iniciativa é própria”* (M.C.A.S.). Outro jovem trabalha na igreja em que freqüenta, utilizando a música: *“Sou voluntário em uma igreja, dando aula de canto e instrumentos. São pessoas que não teriam condições de pagar um curso mais completo, então dou meu melhor no que posso pra ajudar eles. Acredito que, de alguma forma, estou contribuindo com a sociedade, pois, da mesma maneira que a música me ajudou, espero que eu possa estar retribuindo para essas pessoas a mesma coisa”* (M.M.B.).

Alguns alunos relataram que sentem “saúde” ou “falta” de uma prática que tinham e não têm mais: *“Não tenho desenvolvido ultimamente deveres para com a comunidade. Antigamente auxiliava em projetos voluntários e visitas a orfanatos e asilos...”*. Outro manifesto foi este: *“Também tenho vontade de, uma vez por semana, visitar algum orfanato, passar a tarde lá e proporcionar um tempo de alegria para as crianças. Na época de colégio, de vez em quando fazíamos esse programa na aula de religião e, pessoalmente, sinto falta dessa prática”* (B.P.). Alguns alunos possuem uma freqüência à Comunidade-igreja, como neste relato: *“Neste final de semana, pude participar de um retiro da Comunidade Católica ‘Maanaim’, voltada para casais e a família. Lá, tivemos contato com outras famílias, através de palestras, convívio e troca de experiências de vida”* (V.S.F.F.L.).

Outra aluna (R.N.V.), praticante de uma religião, contou esta experiência: *“Há cerca de três anos atrás, reunida com um grupo de pessoas, viajamos com alimentos, roupas, calçados, brinquedos e alguns medicamentos para uma pequena comunidade no interior do Espírito Santo, chamado Monte Alegre, onde as pessoas sobrevivem do trabalho árduo na roça de café e que, na ocasião, estavam vivendo uma dura seca”*. Outra experiência que foi relatada mostra que as igrejas não fazem apenas um trabalho caritativo: elas também investem na área da promoção social: *“O voluntariado já fez parte de minha vida: participei, durante alguns anos, do projeto chamado ‘Madrugada do Carinho’, que distribuía roupas e comida à população de rua, mais facilmente localizada à noite, quando se recolhem nas calçadas e marquises da região do centro e da lapa para dormir. Era, também, secretária voluntária na Igreja Batista, que desenvolvia, na época, cursos profissionalizantes livres para a comunidade: eu dedicava 4 horas diárias para isso”* (V.A.).

Um aluno (D.R.) entende que, mesmo sendo um trabalho promovido pela igreja da qual ele participa, o que eles fazem é um exemplo de cidadania: *“Tentamos ajudar a comunidade que vivemos, facilitando meios de dar dignidade às famílias, alimento, emprego, enfim, o amparo às famílias que estão em situação de dificuldade de desenvolvimento, onde não chega o Estado. Fazemos por meio do Grupo de Jovens em que participo. Mesmo que a motivação seja por meio do serviço da Igreja, estamos certos que ele vai além da Igreja: é fazer o papel de cidadão”*. Outra relatou que coordena trabalhos na igreja em que participa: *“Nesse ano, estou participando como voluntária na organização do ‘10º Encontro de Jovens com Cristo’, da igreja matriz ‘Nossa Senhora da Conceição’, na cidade de Nilópolis”* (P.C.).

Um trabalho interessante no âmbito religioso foi relatado por essa aluna: *“Eu sou uma das responsáveis por um ‘Clube de Desbravadores’, que busca desenvolver os princípios de saúde física, mental e espiritual, baseando-nos nos valores éticos aprendidos dentro do Cristianismo. Vejo que isso faz uma pequena diferença na vida de alguns – portanto já é alguma coisa para mudar um pouco do mundo em que estamos vivendo”* (L.N.C.). E, finalmente, outro testemunho interessante: *“Dirijo uma comunidade cristã protestante, orientando os irmãos quanto ao reconhecimento da fé cristã, tanto no âmbito espiritual, quanto no âmbito social, promovendo a igualdade e a liberdade de expressão das demais religiões, amor ao próximo e, principalmente, o amor ao Deus Criador, revelado nas Sagradas Escrituras. Desenvolvo ações sociais entre os menos favorecidos (moradores de rua) e envolvo a comunidade a também desenvolver e cultivar este amor a todos os irmãos desfavorecidos de bens, família, carinho, amparo, etc”* (J.L.A.).

## **7. Quase uma conclusão: a “política” de Jesus Cristo**

Não tenho a pretensão de “concluir” este assunto. Sugiro, aqui, umas poucas palavras para finalizar, por enquanto, a questão. Um aluno chamou de “sinergia” a atitude ética: *“Procuro desenvolver uma relação de **sinergia** para com a minha cidade, bairro ou*

*universidade*” (A.B.). Eu queria aproveitar a sugestão do aluno acima e começar esse item conclusivo desse pequeno artigo como esta importante palavra: “sinergia”. Ela representa a associação concomitante de vários dispositivos, que contribuem para uma ação coordenada; também é identificada como o somatório de esforços, em prol do mesmo fim.

Acredito que Jesus acreditava nisto. Segundo o relato das Escrituras, é salvífico o encontro concreto com o outro – onde eu sou o próximo mais próximo do meu próximo mais próximo – e o conseqüente comprometimento com a salvação do mesmo. Foi o que Ele nos ensinou na oração do Pai Nosso, nas parábolas, no Sermão da Montanha, nas Bem-Aventuranças,..., e em todos os seus encontros concretos com as pessoas de seu tempo. Um aluno (A.N.) se manifestou, empregando outras palavras para a “prática salvífica” proposta por Jesus Cristo: *“Acredito que a responsabilidade que temos com a nossa comunidade começa no aspecto moral. Se temos capacidade de ajudar, de qualquer forma que seja, isso nos implica uma obrigação moral para com aquela pessoa ou aquela situação. Acho que a responsabilidade começa nas pequenas atitudes, em fazer o bem diariamente, dentro de suas capacidades e limitações. Ultimamente, não faço parte de ongs ou creches, mas ajudo a quem encontro no caminho”*. Outro depoimento também mostra esta compreensão: *“Na minha opinião, mais do que realizar grandes feitos para sua comunidade, é importante se preocupar em fazer sua parte no cotidiano, diariamente. Por isso, procuro tomar atitudes éticas que contribuem não só para a comunidade, como também para mim mesma, como ser humano, todos os dias”* (R.C.A.C.). E fim.

**Para refletir:**

Diante dessa experiência, como podemos ver a relação entre ética e política na proposta de Jesus e na sociedade atual?

Quais os principais desafios para viver um Cristianismo encarnado nos dias de hoje?